FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LARISSA EVANGELISTA RANGEL

CONSERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR

CASO ESCOLA ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO

ARACRUZ-ES
2020

LARISSA EVANGELISTA RANGEL

CONSERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR
CASO ESCOLA ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Andrea Curtis

ARACRUZ - ES
2020

LARISSA EVANGELISTA RANGEL

CONSERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR
CASO ESCOLA ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em ___ de _____ de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Andrea Curtis
Prof. Orientador
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Nome do professor
Prof. Convidado
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Nome do profissional
Convidado Externo
Arquiteto Urbanista

A Deus, por toda misericórdia.

A meus pais, pelo suporte.

A minha família, por toda confiança.

Aos meus amigos, por toda ajuda.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar sempre agradecerei a Cristo que me concede o dom da vida todos os dias. Por todas as portas abertas que me foram ofertadas e todo sustento que me mantém de pé.

Aos meu pais, Leandra Mara Cavalcante Evangelista e Jailson Cani Rangel, que sempre depositaram uma imensa confiança em tudo que me propus a fazer até hoje.

A minha família Evangelista Rangel, que sempre acreditou que eu seria capaz.

A Priscila Auer Pereira Machado, que me abriu as portas da Escola Zenília Varzem Ribeiro para que eu pudesse desenvolver e coordenar esse projeto lindo.

A Júlia Vicente dos Santos, sem a sua ajuda esse projeto não estaria no papel.

A todos os colaboradores desse projeto, obrigada por contribuírem para que ele se concretizasse.

Aos meus professores que tiveram tanta paciência comigo e me convencerem a continuar. Andrea, Fabiano e Ivana. Vocês são instrumentos de Deus na minha vida.

E por fim agradeço a comunidade de Barra do Riacho, que abraçou esse projeto com tanto esmero.

Às vezes, educadores e arquitetos estão próximos [...] Outras vezes, percebe-se um distanciamento entre eles, talvez pela ausência de uma proposta pedagógica explícita, ou talvez porque falte ao arquiteto que projeta a escola uma sensibilidade pelas questões de ensino.''

ESTER BUFFA E GELSON ALMEIDA

RESUMO

O presente trabalho aborda a arquitetura escolar e sua importância no desenvolvimento da criança, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, visando reforçar a ideia de que a edificação escolar tem que promover relações e interações com o contexto geográfico que está inserida. Nesse sentido o trabalho propõe o desenvolvimento de um programa de revitalização com foco na humanização na EMEF Zenília Varzem Ribeiro, com o objetivo de promover uma cultura de conservação e preservação do patrimônio público, tendo como protagonistas os alunos, visto que são os maiores interessados na ação. Fazendo assim, com que o sentimento de pertencer ao local e fazer parte da sua mudança seja reforçado e posto em evidência.

Palavras-chaves: Arquitetura, Escola, Humanização, Protagonismo.

ABSTRACT

The present work addresses the school architecture and its importance in the child's development, in its physical, psychological, intellectual and social aspects, aiming to reinforce the idea that the school building has to promote relations and interactions with the geographic context that is inserted. In this sense, the work proposes the development of a revitalization program focusing on humanization at EMEF Zenília Varzem Ribeiro, with the objective of promoting a culture of conservation and preservation of public heritage, with the students as protagonists, since they are the most interested in action. In doing so, the feeling of belonging to the place and being part of its change is reinforced and highlighted.

Keywords: Architecture, School, Humanization, Protagonism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Antigo Colégio dos Jesuítas em Salvador, Bahia.....16

Imagem 02: Escola Normal Caetano de Campos em 1894.....17

Imagem 03: Escola Parque em Salvador, 1950.....18

Imagem 04: Escola Parque em Salvador, 1950.....18

Imagem 05: Projeto padrão criado por Oscar Niemeyer para as CIEPs.....19

Imagem 06: Localização da Barra do Riacho no mapa.....22

Imagem 07: Pátio da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....24

Imagem 08: Pátio da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....24

Imagem 09: Pátio da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....24

Imagem 10: Pátio da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....24

Imagem 11: Fachada Frontal da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....25

Imagem 12: Fachada Frontal da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....25

Imagem 13: Oficina de paisagismo.....26

Imagem 14: Oficina de paisagismo.....26

Imagem 15: Oficina de paisagismo.....27

Imagem 16: Oficina de paisagismo.....27

Imagem 17: Oficina de grafite.....27

Imagem 18: Oficina de grafite.....27

Imagem 19: Oficina de grafite.....28

Imagem 20: Oficina de grafite.....28

Imagem 21: Imagens de referência apresentadas ao estudante.....29

Imagem 22: Imagens de referência apresentadas ao estudante.....29

Imagem 23: Imagens de referência apresentadas ao estudante.....29

Imagem 24: Imagens de referência apresentadas ao estudante.....29

Imagem 25: Paredes sendo pintadas pelos alunos.....29

Imagem 26: Paredes sendo pintadas pelos alunos.....29

Imagem 27: Pinturas finalizadas.....30

Imagem 28: Pinturas finalizadas.....30

Imagem 29: Pinturas finalizadas.....30

Imagem 30: Pinturas finalizadas.....30

Imagem 31: Pintura em execução no muro da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....31

Imagem 32: Pintura em execução no muro da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....31

Imagem 33: Pintura em execução no muro da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....31

Imagem 34: Pintura em execução no muro da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....31

Imagem 35: Pintura finalizada na fachada da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....32

Imagem 36: Vasos pendurados e parede pintada.....32

Imagem 37: Vasos pendurados e parede pintada. 32

Imagem 38: Plantio de mudas.....33

Imagem 39: Plantio de mudas.....33

Imagem 40: Plantio de mudas.....33

Imagem 41: Plantio de mudas.....33

Imagem 42: Plantio de mudas.....33

Imagem 43: Plantio de mudas.....33

Imagem 44: Pintura de pneus.....34

Imagem 45: Pintura de pneus.....34

Imagem 46: Pintura de pneus.....34

Imagem 47: Pintura de pneus.....34

Imagem 48: Confecção da “geladoteca”.....35

Imagem 49: Confecção da “geladoteca”.....35

Imagem 50: Confecção da “geladoteca”.....35

Imagem 51: Confecção da “geladoteca”.....35

Imagem 52: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 53: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 54: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 55: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 56: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 57: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....36

Imagem 58: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

Imagem 59: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

Imagem 60: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

Imagem 61: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

Imagem 62: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

Imagem 63: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro.....37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIEP – Centro Integrado de Educação Pública

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

ES – Espírito Santo

FAACZ - Faculdades Integradas de Aracruz

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PEA – Programa de Educação Ambiental

PMA - Prefeitura Municipal de Aracruz

PVC – Policloreto de Polivinia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 A ARQUITETURA E O AMBIENTE ESCOLAR / EDUCACIONAL 15

2.1 EVOLUÇÃO DO ESPAÇO EDUCACIONAL 15

2.2 ARQUITETURA E EDUCAÇÃO 20

3 ESTUDO DE CASO: EMEF ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO 22

3.1 A ESCOLA E A COMUNIDADE 22

3.2 A ESTRUTURA ESCOLAR 23

4 PROGRAMA DE HUMANIZAÇÃO DA EMEF ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO 26

4.1 OFICINAS 26

4.2 PINTURAS 28

4.3 MUTIRÃO 30

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 38

6 REFERÊNCIAS 39

1 INTRODUÇÃO

A escola, como instituição de ensino, é o resultado de um longo processo histórico e, como forma de validação, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205, resguarda o direito social de todos terem direito à educação, bem como no artigo 2º da Lei 9.394/96, respectivamente, *in verbis*:

> "Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."
>
> "Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

Como percebido, a lei valoriza e entende a importância da educação e, consequentemente, a forma com que ela é desenvolvida em termos pedagógicos e estruturais. Com isso a discussão sobre arquitetura escolar exige reflexões sobre a história e sua evolução, por isso as avaliações sobre ambiente arquitetônico incluem os aspectos térmicos, acústicos, lumínicos e funcionais, porém, essa arquitetura deve ser também relacionada com a apropriação real do espaço, que se faz no cotidiano.

O edifício escolar deve ser analisado como resultado da expressão cultural da comunidade em que ele está inserido, e assim, trazer consigo as particularidades manifestas do local. Deste modo a edificação traz consigo, além dos aspectos já citados, o sentimento de pertencimento, pois se torna mais que uma construção, ela passa a ter um sentido pessoal para quem se sente concernente ao local.

Os cenários corriqueiros do dia a dia escolar utilizam de uma arquitetura padronizada que não permitem a flexibilidade para se ajustar ao local que são construídas. As cores, as portas, o chão, as janelas, os locais preestabelecidos, se moldam as determinações de uma administração municipal ou estadual, fazendo com que as particularidades de cada local sejam postas em segundo plano. De acordo com Kowaltowski (2011 p.11) o ambiente físico escolar é, por essência, o local do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, mas também deve ser visto como resultado da forma que a comunidade expressa a sua cultura.

A Escola Zenília Varzem Ribeiro não se encaixa no quesito de expressar a cultura que a comunidade possui. Ela precisou se identificar como instituição de ensino, esperando a reforma do prédio original, dentro de um galpão com paredes construídas eucatex e policloreto de polivinila (PVC) e nesse espaço conviverem em 400 alunos e mais de 30 funcionários. Quando enfim, depois de anos, eles voltaram ao prédio reformado, já não existia o sentimento de pertencimento ao lugar, e assim, a valorização, juntamente com a conservação do espaço, foi deixada de lado e o que era novidade se tornou monótono e tedioso, nas palavras das crianças a escola parecia "um hospital, sem cor e sem vida". Por esse motivo o presente trabalho propõe como objetivo geral o desenvolvimento de um programa de revitalização com foco na humanização na EMEF Zenília Varzem Ribeiro, localizada no bairro Barra do Riacho em Aracruz – ES.

Neste sentido os objetivos específicos buscam percorrer o caminho de construção do objetivo geral tendo que: entender a relação existente entre a arquitetura e o ambiente escolar / educacional; contextualizar o histórico de surgimento e elaboração do projeto da EMEF Zenília Varzem Ribeiro e desenvolver ações para melhorar o ambiente escolar e promover assim a cultura da conservação, preservação e revitalização, de forma a ajudar a manter a integridade física e cultural da escola, consequentemente levando o indivíduo a legitimar seu papel na comunidade, valorizar o sentimento de pertencimento e reafirmar valores, fazendo com que vejam a escola como um patrimônio da comunidade.

A metodologia do trabalho tem como ponto inicial a busca por referências bibliográficas que auxiliem no entendimento e construção do arcabouço teórico da relação da arquitetura e da educação, posteriormente utiliza-se a própria EMEF Zenília Varzem Ribeiro como estudo de caso levantando as questões necessárias para contextualização e levantamento cultural da comunidade para que assim o projeto expresse o que existe de mais significativo no bairro, no olhar dos estudantes.

A estrutura do trabalho desenvolve-se, portanto, tendo como base de todo referencial teórico "A arquitetura e o ambiente escolar / educacional", utilizando como principais fontes de pesquisa Doris C. C. Kowaltowski e a Lei Federal nº 9.394/96, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação, publicada em 20 de dezembro de 1996 e atualizada em 2020.

2 A ARQUITETURA E O AMBIENTE ESCOLAR / EDUCACIONAL

2.1 EVOLUÇÃO DO ESPAÇO EDUCACIONAL

A educação, tendo-a não apenas como leitura e escrita, está presente desde a antiguidade, com a invenção da escrita (4000 a.C. a 3500 a.C.) e mais adiante com o desenvolvimento das áreas mais diversas, como a agricultura, a construção, a sobrevivência, o domínio do fogo, entre outros e em seus aspectos culturais, políticos, sociais e econômicos. Segundo Kowaltowski (2011, p. 12):

> A educação é vista como a transmissão de valores e o acúmulo de conhecimento de uma sociedade. Portanto, a história da educação também é a história de uma sociedade e seu desenvolvimento cultural, econômico e político.

Ao longo da história se torna nítida que a relação de espaço/aluno se transforma em decorrência das condições da época. Como primeiros indícios da arquitetura escolar no Brasil (NASCIMENTO, 2007) temos os Jesuítas que foram responsáveis pela alfabetização dos indígenas com três campos específicos para atuarem: missionário, educativo e pastoral.

> Das diversas atividades desenvolvidas pelos membros da Companhia de Jesus no Brasil Colônia, uma das mais importantes, sem dúvida estava diretamente ligada ao campo educacional. (GUIMIERO, 2013, p. 67).

Assim, enquanto os jesuítas permaneceram no Brasil, entre 1549 e 1749, foram fundadas as primeiras escolas e espaços destinados aos estudos. De acordo com Nascimento (2007, p.187):

> Em salvador, a obra dos jesuítas seguiu para o Sul. Decorridas duas décadas, a Companhia era formada por cinco escolas de instrução elementar, localizadas em Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga; e três colégios, no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia.

Imagem 01: Antigo Colégio dos Jesuítas em Salvador, Bahia.

Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_dos_Jesu%C3%ADtas#/media/Ficheiro

Com a chegada da Família Real, no século XIX, houve uma ruptura no processo de ensino que estava sendo praticado. Por interesses políticos os jesuítas foram expulsos do território e o Brasil deixou de ser Colônia e tornou-se Império. Neste período buscava-se reestruturar e reorganizar as cidades, inclusive a educação.

Em 1827, pela Lei Geral de Ensino, Dom Pedro determinou em seu Art. 1º que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, deveriam haver as escolas de primeiras letras que fossem necessárias.

A partir de então, mesmo com algumas limitações, as escolas foram sendo valorizadas. Estudiosos começaram a afirmar que a arquitetura escolar era um meio de veiculação do saber, mudanças essas embasadas no interesse político e no crescimento populacional. Principalmente no fim do Brasil Império e início do Brasil como República (GODOY, 2017).

A partir de 1920, a maior parte dos edifícios durante a Primeira República eram situados nas praças, com as características da arquitetura neoclássica, e referenciavam o poder e ordem política da época. Seguindo os modelos educacionais franceses juntamente com os valores da época, as alas de estudo eram separadas

entre feminino e masculino. Conforme Kowaltwski (2011), algumas escolas obtiveram destaque tanto por sua grandeza, com pé-direito alto, eixos simétricos e grandes escadarias, como por possuírem bibliotecas, anfiteatros e laboratórios.

Imagem 02: Escola Normal Caetano de Campos em 1894.

Fonte:https://img.estadao.com.br/thumbs/620/resources/jpg/6/1/1448469681216.jpg

Com as manifestações de Arte Moderna em 1922 e a revolução de 1930, mais uma vez a educação foi influenciada e causou reflexos na arquitetura escolar, fazendo com que características surgissem e outras fossem extintas. Ainda em 1930, surge a ideia de escola pública e laica e é fundado o Ministério da Educação (MEC), no governo de Getúlio Vargas.

Nos anos 50 a arquitetura escolar ganha novas concepções e finalidades, com a forte presença de Anísio Teixeira. Agora o intuito é um centro educacional com sistema de rotatividade de alunos, com suas atividades acontecendo ora na Escola Parque (com aprendizado na prática por meio de atividades dinâmicas como educação física e artística), ora na Escola Classe (com aulas teóricas), havendo alternância de turnos entre as duas escolas. Assim se apresenta um tipo de ensino integral que não se limita a sala de aula, mas também em contato com a natureza em áreas externas (ANELLI, 2004).

Imagem 03: Escola Parque em Salvador, 1950

Fonte: https://oprofessorweb.files.wordpress.com/2016/07/escola-parque.jpg?w=453&h=264

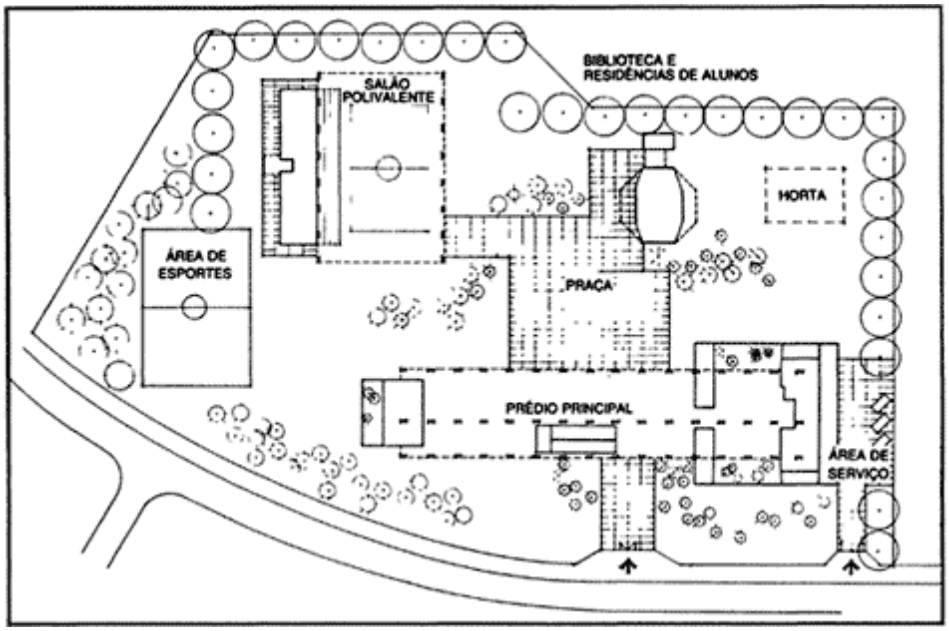
Imagem 04: Escola Parque em Salvador, 1950

Fonte:https://i.pinimg.com/originals/f4/b6/85/f4b6856c53d84d760c72bda47363632a.jpg

Nos anos 60 destacam-se os arquitetos Afonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer voltados para o modernismo. Os arquitetos elaboraram projetos que traziam a divisão de arquitetura escolar com blocos de sala de aula, setor administrativo, galpão para as atividades de lazer e socialização, além de pátio coberto, auditório e biblioteca que se encontravam na parte central do terreno.

No período pós-moderno havia a preocupação em uma produção rápida e econômica com peças pré-moldadas. Na década de 80, no Rio de Janeiro, por falta de escolas que atendessem a população estudantil, surgem os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), que são criados para manter suas portas abertas aos finais de semana para receber a comunidade e assim, defender o conceito de educação integral.

Imagem 05: Projeto padrão criado por Oscar Niemeyer para as CIEPs



Fonte: https://www.scielo.br/img/revistas/ea/v5n13/13a04f2.gif

Com as renovações científicas trazidas pelo final do século XX, como a criação da internet e a informação tida com mais facilidade, se começa uma discussão global sobre os rumos da educação.

> Dada a importância da educação para a sociedade e seu desenvolvimento, observa-se a necessidade de uma atuação multidisciplinar que vislumbre a melhoria da qualidade de

> ensino de forma geral. Há muitas propostas nesse sentido e estas devem incluir um olhar atento à complexa relação entre a qualidade do espaço físico e o desempenho acadêmico dos alunos (KOWALTOWSKI, 2011; TARALLI, 2004)

Assim, a arquitetura escolar é um tópico que deve constar no planejamento educacional de um país. A forma em que a arquitetura se constrói é de grande influência para a qualidade de ensino, não é apenas implantar um modelo de escola único sendo que o Brasil é um país diversificado, é sobre pensar para quem e onde está se construindo.

2.2 ARQUITETURA E EDUCAÇÃO

Pensar desenvolvimento educacional sem pensar nas escolas não existe pois elas impactam diretamente na construção da identidade do ser humano, nas suas relações, emoções e sensações. Um processo tradicional de arquitetura escolar vem sendo implantado há vários anos e assim, vem resultando em edifícios escolares padronizados. É importante que se considere as diferenças de cada região, sendo elas climáticas, culturais, sociais, vocacionais e pessoais. Quando se considera os diferentes contextos que o nosso país abrange, é possível proporcionar condições de identidade e valorização nos lugares que a arquitetura é implantada.

Atualmente, no Brasil, a base educacional é tida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96 – LDB) que se reparte em Educação Básica e Educação Superior. A Educação Básica se baseia por faixa etária e se divide em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, após esse período a pessoa pode optar por uma educação profissionalizante sendo técnico, tecnólogo ou uma graduação.

A educação básica é dividida em etapas e modalidades distintas e cada qual som seu objetivo específico. A educação infantil sendo para crianças de até 05 anos, segundo a própria LDB, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, portanto, requer ambientes que propiciem experiências, vivências e descobertas. O ensino fundamental, que norteia esse trabalho, tem por objetivo a compreensão do ambiente natural, social, do sistema político, tecnologia, artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade.

As arquiteturas escolares não promovem relações e interações entre os alunos, também não contemplam o contexto geográfico em que são inseridas. Não são pensadas todas as variáveis que podem impactar uma edificação, como clima, cultura, funcionabilidade, ergonomia, forma, entre outras. A legislação prevê padrões mínimos a serem seguidos ficando ao construtor e ao projetista/engenheiro a decisão final do que ser feito e assim acaba que, em uma grande parcela das construções, não se contempla a regionalidade e identidade local, ficando apenas uma estrutura engessada e ausente de história e expressão cultural.

Diversas condicionantes são justificáveis na solução de uma arquitetura escolar, sendo elas, o conforto do ambiente, a sustentabilidade, a funcionalidade, a humanização e, como sempre a cultura local, pois elas impactam diretamente na construção da identidade e da afetividade do indivíduo, seja com o outro, com objetos ou com espaços.

3 ESTUDO DE CASO: EMEF ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO

3.1 A ESCOLA E A COMUNIDADE

A Escola Zenília Varzem Ribeiro se encontra na rua Floriano Santana, 420 – Barra do Riacho, Aracruz – ES. Esse bairro, que fica a 26km da sede, é conhecido na cidade pela forte comunidade pesqueira e por todas as empresas que ali estão instaladas, como a Suzano, a Portocel, a Evonik, entre outras.

Imagem 06: Localização da Barra do Riacho no mapa

Fonte: Google Street View, 2020

A escola foi fundada no dia 06 de maio de 1996 na administração do então prefeito Primo Bitti, sendo legalizada através do ato de criação nº 1991 de 12 de maio de 1997. Esta foi construída atendendo a uma necessidade do bairro, que começou a se formar por volta de 1994, que contava com pessoas que vinham de outras cidades e/ou estados atraídos pela oferta de emprego que estavam sendo gerados pela Aracruz Celulose (atual Suzano) que estavam se instalando.

No dia 02 de agosto de 2013 foi assinada uma ordem de serviço feita pelo prefeito Marcelo Souza Coelho para o início de uma reforma geral e ampliação da escola. Devido as eleições, as autoridades municipais foram mudadas e assim a obra de reforma foi parada. No início de 2017, já na nova gestão municipal, as obras foram

retomadas, então a escola passou a funcionar em um galpão de propriedade de Idenildo Bragatto, que fez as adaptações no lugar e alugou para a PMA, assim, a escola foi então realocada, com mais de 400 alunos e 30 funcionários, para que as aulas não fossem interrompidas.

Depois de diversas reivindicações da comunidade sobre a demora de anos na reforma da escola e o espaço inapropriado em que os alunos estavam estudando, no dia 21 de agosto de 2017 os alunos voltaram a ter aulas no antigo prédio escolar, que ainda estava em reforma.

A reforma foi finalizada e entrega da obra foi feita no dia 23 de outubro de 2017 pelo prefeito Jones Cavaglieri e pelo Secretário de Obras Wellington Giacomin. O secretário em questão ainda destacou que os serviços que foram realizados visaram assegurar mais conforto e um ambiente humanizado para a formação dos alunos. A obra foi inaugurada no dia 08 de dezembro de 2017 com uma cantata de natal organizada pela escola.

Por todo histórico de espera, já apresentado, a finalização da reforma foi uma vitória para toda comunidade que lutou incessantemente para que essa obra fosse entregue por completa.

3.2 A ESTRUTURA ESCOLAR

Com a escola já reformada, começaram a surgir reclamações das crianças que ali estudavam sobre o desejo e a necessidade de que a escola realmente tivesse “cara de escola”, já que, segundo os próprios alunos, a escola estava “parecendo um hospital” por ter sido planejada com muros e janelas altas, ter sido pintada com tons de bege e verde, possuir um paisagismo simples e sem beleza e por não existir espaços adaptados para as atividades diárias dos alunos. As reclamações chegaram ao conhecimento da equipe gestora da escola, que prontamente se comprometeu com os alunos para resolver essa questão e fazer com que a escola se tornasse mais atrativa.

A partir de então, a diretora Priscila Machado Auer Pereira e a pedagoga Leandra Mara Cavalcante Evangelista, me chamaram para uma conversa, no final do ano de 2018, a fim de que eu propusesse alguma mudança visual na escola para que, segundo elas, as crianças tivessem vontade de ir à escola, se sentissem

protagonistas na ação que seria elaborada e valorizasse o sentimento de pertencimento ao local por causa de todo histórico da escola.

Imagem 07, 08, 09 e 10: Pátio da escola Zenília

Fonte: Acervo pessoal, 2018

Imagem 11 e 12: Facha frontal da Escola Zenília

Fonte: Acervo pessoal, 2018

A ideia de criar uma forma de tornar a escola mais alegre foi passada para as crianças (2019) e, pela euforia delas, a ideia alcançou uma proporção além do que inicialmente a escola imaginava. Assim, se fez necessária a busca por parceiros que cooperassem para que a ideia saísse do papel. Após diversas reuniões e fechamento de parcerias com o PEA Portocel, São Miguel Paisagismo, a FAACZ, Koki Graffiti, Lets Fotografar, Ação Cult Bio e PMA, o programa de humanização da escola Zenília Varzem Ribeiro começou a ganhar forma.

4 PROGRAMA DE HUMANIZAÇÃO DA EMEF ZENÍLIA VARZEM RIBEIRO

O programa de humanização foi divido em três etapas, as oficinas, as pinturas e o mutirão, sendo todo o processo explicado abaixo

4.1 OFICINAS

A proposta tem seu viés principal em sensibilizar os alunos no cuidado pela escola reformada e intensificar a sua relação com o meio ambiente. Por isso foi pensado em oferecer oficinas de paisagismo e grafite, em um primeiro momento.

A oficina de paisagismo foi ministrada para 15 alunos, escolhidos pelos professores da escola, pelas arquitetas voluntárias Amanda Bianchini, Ivana Marques e Ivania Gomes com o intuito de sensibilizar os alunos ao cuidado e cultivo de áreas verdes. A oficina, realizada nas dependências da escola, contou com um momento de apresentação sobre o que é o paisagismo, para as crianças ficarem mais próximas a esse termo, e quais ferramentas são necessárias para tal execução. Em seguida foi elaborada uma dinâmica de experimentação, intitulada “Os Sentidos da Natureza”, onde, vendadas, as crianças tocavam, cheiravam e comiam diversos tipos de fruta e tentavam adivinhar qual era aquela fruta. Logo após esse momento, foi oferecido aos alunos a experiência de plantarem mudas de *Portulaca grandiflora* (Onze Horas) em vasos cerâmicos. Logo após, os alunos comeram uma salada de fruta preparada com as frutas da dinâmica.

Imagem 13 e 14: Oficina de paisagismo

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 15 e 16: Oficina de paisagismo

Fonte: Acervo pessoal, 2019

A oficina de grafite foi ministrada para 15 alunos, escolhidos pelos professores da escola, pelo artista Felipe Koki, conhecido artisticamente como Koki Graffiti. A conversa foi iniciada apresentando aos alunos a história da arte do grafite e, logo após, afirmando a importância da arte para a sociedade. Depois da conversa as crianças foram levadas ao refeitório para poderem expressar, através de desenhos em papéis A4, o que representava a comunidade que elas estavam inseridas e o que queriam que estivesse exposto pela escola em pinturas.

Imagem 17 e 18: Oficina de grafite

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 19 e 20: Oficina de grafite

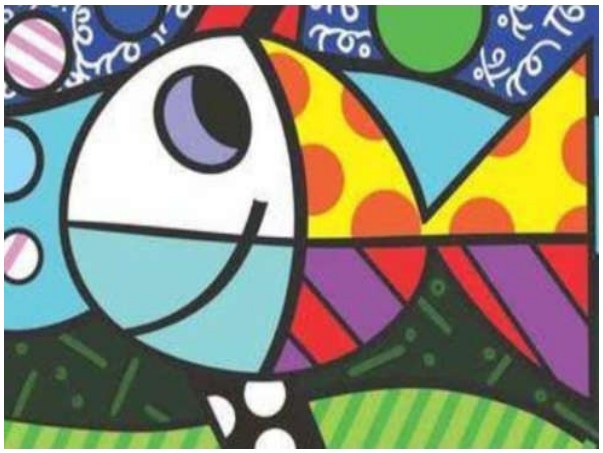
Fonte: Acervo pessoal, 2019

4.2 PINTURAS

Com o intuito de trazer a realidade da comunidade para dentro da escola, e assim fazer a edificação oferecer o sentimento de reconhecimento e pertencimento aos alunos, o estudante de arquitetura e urbanismo, Ramon Farage, foi convidado como voluntário para contribuir com pinturas na parte interna da escola. A escolha das obras, para que o estudante fizesse uma releitura, foram escolhidas a partir do contexto ao qual os alunos estavam inseridos e obras que eles haviam estudado em sala de aula. Assim, foram apresentadas ao estudante as obras do artista Romero Britto que a professora de educação artística havia trabalhado e fotos com as paisagens do bairro.

Em primeiro momento o estudante trabalhou sozinho marcando as paredes que seriam pintadas, posteriormente, o artista Koki e 10 alunos, previamente escolhidos pelos professores, colaboraram para finalizar as intervenções.

Imagem 21, 22, 23 e 24: Imagens de referência apresentadas ao estudante



Fonte: Acervo da escola, 2019

Imagem 25 e 26: Paredes sendo pintadas pelos alunos

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Imagem 27, 28, 29 e 30: Pinturas finalizadas

Fonte: Acervo pessoal, 2019

Também foi pedido ao estudante que desenhasse um tronco de árvore em uma outra parede, para que as mudas plantadas na oficina de paisagismo pudessem ficar expostas.

4.3 MUTIRÃO

Com o intuito da participação do maior número de pessoas no processo de humanização da escola e para se sentirem pertencentes à transformação, foi organizado um mutirão para que parceiros, alunos, docentes, funcionários e comunidade se unissem com o objetivo de proporcionar, a quem usufrui, uma escola mais contextualizada ao meio geográfico e cultural em que foi inserida.

No dia programado para o mutirão, tivemos em média 80 pessoas presentes, divididas em frentes de trabalho diferentes, que atuavam ao mesmo tempo e em conformidade com o objetivo já proposto.

Na parte externa da edificação estava o artista Koki, docentes, funcionários e alunos trabalhando no muro de fachada da escola. Neste muro foi escrita a frase “Minha escola. Eu amo, eu cuido” juntamente com os desenhos produzidos pelos alunos na oficina de grafite. Todos que ali estavam contribuíram para que os desenhos ganhassem forma e fosse finalizado.

Imagem 31, 32, 33 e 34: Pintura em execução no muro da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

Imagem 35: Pintura finalizada na fachada da EMEF Zenília Varzem Ribeiro.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

Na parede onde foi pintado o tronco de árvore, na parte interna da escola, foi pedido para que quem estava presente, já com luvas, passasse tinta na mão e carimbasse nas extremidades dos galhos do tronco, assim as mãos pintadas substituiriam a necessidades de folhas pintadas. Após a tinta estar seca, as mudas plantadas nos vasos de cerâmica, na oficina de paisagismo, foram pendurados na mesma parede.

Imagem 36 e 37: Vasos pendurados e parede pintada.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

Com a capina previamente realizada, foram plantadas em torno de 280 mudas, com a ajuda de alunos, docentes, alunos e ex-alunos da FAACZ, divididas em *Plumbago auriculata* (Jasmin-azul), *Lantana camara* (Lantana amarela) e *Liriope muscari* (Barba de serpente), e direcionadas para quatro pontos do pátio da escola.

Imagem 38, 39, 40, 41, 42 e 43: Plantio de mudas.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

No refeitório estavam sendo pintados os pneus, doados pela Radiauer Pneus, que foram utilizados como vasos para as mudas de *Plumeria obtusa* (Jasmim-Manga) cedidas pelo São Miguel Paisagismo e para as mudas frutíferas disponibilizadas pelo Viveiro Público da Prefeitura de Aracruz.

Imagem 44, 45, 46 e 47: Pintura de pneus.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019..

Juntamente com a Ação CultBio, um projeto da Barra do Riacho patrocinado pela Portocel, tiramos do papel a ideia de ter um “geladoteca”, que se trata de uma biblioteca dentro de uma geladeira que não tem mais uso. Sendo assim, os participantes da Ação grafitaram a geladeira fazendo para que os alunos pudessem ter acesso a livros nas horas dos intervalos de aula.

Imagem 48, 49, 50 e 51: Confecção da “geladoteca”.

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

Assim ocorreu o mutirão, no dia 04 de maio de 2019, mobilizando toda comunidade escolar, parceiros e voluntários, priorizando sempre os alunos e tornando-os protagonistas da ação realizada. Todo material comprado para que as etapas desse programa fossem realizadas foram comprados pelo Programa de Educação Ambiental da Portocel e pela própria escola, com uma lista detalhada que foi entregue nas mãos dos responsáveis por tal colaboração antes das ações acontecerem,

contendo tudo que seria necessário utilizar, como tintas sprays, tintas à base de óleo, tintas à base de água, pincéis, rolos de espuma, vasos de cerâmica, substratos, mudas, máscaras, luvas, material para jardinagem, entre outros.

Imagem 52, 53, 54, 55, 56 e 57: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

Imagem 58, 59, 60, 61, 62 e 63: Dia do mutirão na EMEF Zenília Varzem Ribeiro

Fonte: Letícia Freires Fotografia, 2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou afirmar a importância da arquitetura escolar, tanto teórica como prática, para o desenvolvimento integral da criança, a qualidade de ensino e a construção da identidade do indivíduo.

Segundo Kowaltowski (2011) o sistema educacional precisa dar suporte aos métodos de ensino, mas a qualidade do ambiente precisa de material e móveis, e a forma do espaço físico precisa ser trabalhada e pensada.

A partir do programa implementado houve uma maior preocupação da comunidade escolar em manter o local conservado. De acordo com a pedagoga da escola, Leandra Mara Cavalcante, os alunos estão mais cuidadosos com os espaços escolares e até chamam a atenção dos colegas que não estão tão atentos ao zelo cotidiano. A pedagoga também salienta que foi implementado na escola um rodízio entre alunos, com a supervisão dos professores, para cuidar do que foi humanizado com o programa, pois assim o sentimento de pertencimento e cuidado, continua latente.

Houve também, segundo a diretora da escola, Priscila Machado Auer Pereira, uma diminuição no índice de faltas, já que o programa de humanização trouxe um interesse maior, por parte dos alunos, em estarem mais na escola, e, por consequência, um aumento no índice de aprendizado. Tendo como referência a nota alcançada no IDEB 2020, que ultrapassou a meta estipulada para escola.

Por fim, este trabalho buscou transformar a padronização de escolas em uma construção, juntamente com o aluno, de valores e aprendizados, através da relação com o meio ambiente e com a identificação da cultural local. Fazendo com que o aluno se sinta parte pertencente da escola, e não apenas espectador.

6 REFERÊNCIAS

ANELLI, Renato. Centros Educacionais Unificados: arquitetura e educação em São Paulo. Portal Vitruvius, n. 55.02, Dez. 2004. Acesso em: Dez. 2020.

BRASIL. Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília,DF. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em Dez. 2020.

GODOY, Alessandra Braz de. CMEI Campo Limpo: Escola de educação Infantil e os espaços de aprendizagem. São Paulo, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Centro Universitário SENAC. Disponível em: https://issuu.com/senacbau2013_2017/doca/cmei_campo_lindo. Acesso em: Dez. 2020.

KOWALTOWSKI, D.C.C.K.; MOREIRA, D.C.; DELIBERADOR, M.S. O programa arquitetônico no processo de projeto: discutindo a arquitetura escolar, respeitando o olhar do usuário. In: Salgado, M.S.;Rheingantz, P.A.; Azevedo, G.A.N; Silvoso, M.M. (organizadores) – "Projetos complexos e seus impactos na cidade e na paisagem". Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ; ANTAC, 2012. Disponível em: http://www.dkowaltowski.net/wp-content/uploads/2014/07/O-programa-arquitetonicoSBQP-2012.pdf. Acesso em : Dez. 2020

MELO, Larissa Gomes. Arquitetura escolar e suas relações com a aprendizagem. 2012. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/lgm.pdf. Acesso em: Dez. 2020.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Instituições Escolares no Brasil Colonial e Imperial. Artigo revista Histedbr. Paraná, 2007. Disponível em: http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/706/ARTIGO_IntiuicoesEscolaresBrasil.pdf?sequence=1. Acesso em: Dez. 2020.

SITE PREFIEITURA MUNICIPAL DE ARACRUZ. Notícias sobre a EMEF Zenília Varzem Ribeiro. Disponível em: http://www.pma.es.gov.br/noticia/. Acesso em: Dez. 2020

UFCSCAR, Universidade Federal de São Carlos. Arquitetura escolar e suas relações com o estudante do século XXI. 2018. In: JIG VOD, 2018, São Carlos. Disponível em: https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-f4f12c1fe1f4135849f7566d54b6ff36ae72e991-arquivo.pdf. Acesso em Dez. 2020.